



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RENATA DOS SANTOS CAVALCANTI

**ENSINAR HISTÓRIA: DIFICULDADES E DESAFIOS
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA – PB

2014

RENATA DOS SANTOS CAVALCANTI

**ENSINAR HISTÓRIA: DIFICULDADES E DESAFIOS
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, sob a orientação da professora Dra. Marisa Tayra Teruya, para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C376e Cavalcanti, Renata dos Santos
Ensinar história [manuscrito] : dificuldades e desafios relatório de
estágio supervisionado / Renata dos Santos Cavalcanti. - 2013.
48 p.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2013.
"Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de História".

1. Estágio Supervisionado. 2. Ensino de História. 3. Prática
de ensino. I. Título.

21. ed. CDD 981

RENATA DOS SANTOS CAVALCANTI

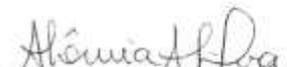
ENSINAR HISTÓRIA: DIFICULDADES E DESAFIOS
RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

BANCA EXAMINADORA

APROVADO EM 12 DE MARÇO DE 2014



Prof. Marisa Tayra Teruya/Departamento de História – Campus III
(Orientadora)



Prof. Alônia Abrantes da Silva/Departamento de História – Campus III
(Examinadora)



Prof. Luciana Calissi/Departamento de História – Campus III
(Examinadora)

Aos meus pais Cosme Francisco e Maria da Penha, pelo amor inesgotável, pela grande confiança depositada em mim, por todos os ensinamentos e por terem acreditado que a educação me levaria à uma vida bem mais prazerosa e cônica. Também à minha irmã Rafaela, por todo amor e amizade.

AGRADECIMENTOS

*“Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo?”
(Salmos 116: 12)*

Agradeço antes de tudo ao meu Deus, por minha vida e por tudo o que tenho. A Ele toda honra e toda a glória, por ter sido a minha fonte inesgotável de sabedoria e inspiração, por ter iluminado os meus passos durante cada instante dessa jornada. Pois, sem Ele nada poderei fazer.

*“A História só pode ser feita com uma ajuda mútua.”
(Marc Bloch)*

Finda-se mais uma etapa da minha vida. Não consigo explicar em poucas palavras o quanto esse passo foi importante e fundamental para que eu prossiga na minha caminhada. Olhando para trás vejo que não cheguei até aqui sozinha, afinal todo trabalho é coletivo! Durante os quatro anos do Curso de Licenciatura em História, contei com muitas pessoas, às quais serei eternamente grata.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, por todo o amor, pela grande confiança, pelo incentivo e paciência.

Agradeço a minha irmã, Rafaela. Obrigada pelo amor, amizade e companheirismo.

A minha tia Nega, por sempre ter me ajudado.

Aos meus companheiros de lutas e conquistas da 2010.1, que alegraram as minhas tardes durante os últimos quatro anos.

Um agradecimento mais que especial aos que fazem a minha “*família do fundão*”, Maria Rosianne, Mayara Mendes, Manuel Machado, Sanúbia, Arderis, José Valdeir, Roseane Lima e David Victor (esse não chegou ao final do caminho, mas deixou sua contribuição e continua fazendo parte da nossa família tão amada).

Aos meus amores “*pibidianos*”, Tânia Cristina, Sandeilson, Aline Marques e Joanne, por todos os momentos de alegria e aprendizados.

A professora Severina Gomes, e a todos os que fazem a EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente), pela oportunidade concedida e por toda confiança depositada em mim.

A professora Marisa Tayra, por ter me orientado nesse trabalho e principalmente por ter me proporcionado grandes ensinamentos.

A Jônatha Lisboa, que nos últimos dias vem se tornando ainda mais especial para mim.

Aos meus grandes amigos Mayandson e Adriano.

Aos professores João Bueno e Luciana Calissi, por todo o apoio dado durante a minha participação no PIBID.

A todos que compõe o corpo docente do Curso de História do Campus III, e aos demais servidores que fazem parte da coordenação do curso.

A todos vocês, o meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

Este trabalho ambiciona abordar os momentos e as experiências vivenciadas pela estagiária, concluinte do curso de Licenciatura em História, adquiridos durante a realização do estágio supervisionado, além de socializar as conclusões pessoais da autora a respeito do ensino de História e do processo de ensino aprendido na sala de aula. Também enfatiza o uso de práticas simples e necessárias, capazes de melhorar a troca de saberes entre professor e discente.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Ensino de História; Sala de Aula.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – MEMÓRIAL ESCOLAR. UMA TRAJETÓRIA NA BUSCA DO CONHECIMENTO.....	14
CAPÍTULO II – OFICINA PEDAGÓGICA: UMA FERRAMENTA EFICAZ PARA ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA.	24
<i>Planejamento da Oficina Pedagógica.....</i>	<i>25</i>
<i>Organização das Atividades.....</i>	<i>26</i>
<i>Realização da Oficina Pedagógica.....</i>	<i>31</i>
CAPÍTULO III – TEORIA AO ENCONTRO DA PRÁTICA.....	36
<i>O Desenvolvimento do Estágio.....</i>	<i>36</i>
<i>Preparação para as aulas: momentos de insegurança e reflexão</i>	<i>37</i>
<i>As aulas.....</i>	<i>40</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS	48

“A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduz o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. (...) É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar.”

(M. Foucault)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso consiste no Relatório de Atividades de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), que tem como objetivo expor meus registros de aula e observação, enquanto aluna concluinte do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), do ano letivo de 2013.

Muito se debate a cerca do ensino de História no ambiente escolar e essas discussões voltam-se principalmente para as dificuldades enfrentadas pelos docentes ao transmitirem o conhecimento histórico na sala de aula e para os alunos, que também enfrentam dificuldades para aprender História. Não cabe ao professor apenas transmitir o conhecimento histórico produzido no meio acadêmico, porque os alunos precisam ser atraídos pela História e para que isto ocorra é necessário que os profissionais envolvidos nesse processo busquem uso de ferramentas e métodos que auxiliem nas aulas e traga melhoras necessárias. O professor deve levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos, fazendo com que os mesmos alterquem e busquem respostas para tais questões a partir da História.

Durante o curso de Licenciatura os professores levantaram inúmeras questões acerca do ensino de História, pude ter acesso a vários textos que discorriam sobre esse assunto, e todos eles sempre traziam algo voltado para a dificuldade de ensinar e aprender História. A partir de algumas experiências em sala de aula eu pude perceber que esta dificuldade é algo mais complexo do que eu imaginava. No primeiro dia em que estive na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo como aluna participante do PIBID, resolvi conversar com alguns alunos e perguntar aos mesmos se eles tinham alguma dificuldade em aprender História, a resposta era sempre a mesma, todos diziam que sim, porque História sempre era trabalhada apenas com o livro didático, os textos eram longos e as provas continham questões extensas, as quais eles decoravam e após alguns dias já não lembravam de nada.

Estudar História não deve ser importante apenas para nós que estamos numa Universidade, como um saber exclusivamente acadêmico. A História traz uma contribuição de grande valor para todo sujeito, e mesmo com tantas pesquisas que

discutem formas de melhorar o ensino de História nas escolas, ainda temos muito para fazer. Sempre que se discute esse tema, nos voltamos para a questão do ensino tradicional e ensino inovador. Ao longo da licenciatura procurei compreender o que seria de fato um ensino de caráter inovador. A princípio, pensamos que esse tipo de ensino se faz quando deixamos de lado os livros didáticos e optamos por recursos tecnológicos no intuito de melhorarmos as aulas e o aprendizado do aluno, mas ao refletirmos melhor é fácil perceber que o caminho não é esse. Os livros didáticos não devem ser rejeitados e encarados como um instrumento sem muita utilidade ou de caráter ultrapassado sendo um suporte preciso e indispensável, temos hoje livros didáticos com ótimas qualidades, portador de uma linguagem simplificada e muitas vezes trazendo recortes e ligações com o presente.

A história que sempre foi vista na escola como uma disciplina voltada apenas para o passado, que discorria sobre os grandes acontecimentos políticos e os feitos dos grandes heróis, vem perdendo seu espaço com o passar dos anos, dando lugar a uma História de caráter inovador, aberta a novos temas e novas perspectivas, mas em muitas salas de aula essa mudança ainda se faz ausente, pois sabemos que o processo é longo, mas essa renovação teórico metodológica da História, que teve impulso em 1929 com a publicação da *Annales d' Histoire*, vem se desenvolvendo e proporcionando um melhoramento significativo do ensino de História.

Diante das primeiras abordagens em sala de aula sobre o ensino de História, foi necessário eu levantar alguns questionamentos e indagações, que seriam teriam suas respostas durante os quatro anos do curso, ou durante o meu contato com a sala de aula: Será que o objetivo de ensinar História é apenas para que os alunos apliquem os conteúdos para ingressarem na universidade? Será que ensinamos História apenas para os alunos possuírem um breve conhecimento a respeito do passado? Outro ponto que veio a ser repensado foi com relação aos métodos aplicados na sala de aula: esses métodos devem estar proporcionando tanto para os alunos quanto para os docentes um aprendizado coletivo, levando sempre em consideração o meio em que o aluno se encontra, aproveitando suas experiências para suprir as necessidades dos mesmos no que se refere ao ensino histórico.

No decorrer do curso e principalmente os contatos com ambiente escolar, me proporcionaram algumas pistas para refletir. O professor não sai da universidade,

totalmente pronto para ensinar História da melhor maneira, mas as experiências e o interesse por um ensino melhor e mais prazeroso vai moldado o profissional, o professor terá grandes desafios durante a sua jornada, ser professor é se recriar de acordo com as necessidades do aluno. O professor de História precisa ter nova leitura do mundo e da condição humana, como afirma Santos (2002, p. 177). As teorias e as experiências adquiridas ao longo da formação proporciona ao professor alicerces que fará com que ele saiba buscar meios que melhore o seu dia a dia na sala de aula.

Foi nesta perspectiva que realizei meu estágio supervisionado, quando, além das discussões de sala de aula, realizamos uma oficina pedagógica na EMEFM Olívio Maroja, sediado ao Assentamento Maria Preta, Sítio Violeta, Município de Araçagi - PB, no dia 23 de agosto, enquanto a regência de aulas foi cumprido em três turmas do ensino médio¹ na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente), em Guarabira, entre 02 e 16 de setembro de 2013.

Para possibilitar uma melhor compreensão, o trabalho será dividido em três capítulos, tendo como primeiro um Memorial onde relata a minha trajetória educacional, desde os primeiros rabiscos até a conclusão do Curso de Licenciatura em História. O segundo capítulo encontram-se reflexões sobre o uso de oficinas pedagógicas nas aulas de Histórias, relataremos a respeito de oficinas realizadas expondo toda a metodologia usada, além de apontar a importância dessa ferramenta simples e eficaz para o melhoramento do processo ensino aprendizagem e finalmente, o capítulo três aborda as experiências adquiridas durante o estágio supervisionado na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo.

¹ As turmas nas quais foram realizadas as aulas durante o estágio foram o 1º ano "B", 2º ano "A" e 3º ano "A", turno manhã.

CAPÍTULO I – MEMORIAL ESCOLAR. UM AJORNAMENTO NA BUSCA DO CONHECIMENTO

“A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, é só justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não tem voz.” (Ferreira Gular)

A produção desse memorial foi uma aventura fascinante, pois me proporcionou a oportunidade de rememorar e registrar momentos que sempre fizeram parte das minhas recordações. Costumo dizer que os momentos mais felizes e importantes da minha vida estão ligados às minhas fases escolares, isso porque a maior parte das coisas lindas que vivi, ocorreram dentro do ambiente escolar, acadêmico, ou quando eu estava ao lado de pessoas que tive o prazer de conhecer na escola ou na universidade. Ter tido a oportunidade de estudar não me trouxe somente o conhecimento das letras, dos números, não aprendi apenas a ler e a tentar pensar de forma mais crítica. Poder usufruir do direito de estudar e poder frequentar o ambiente escolar me levou bem mais além, me ensinou a amar os livros, e a amar as pessoas com quem pude conviver, a respeitar o próximo, a reconhecer suas diferenças e a aprender muita coisa com muita gente. Minha personalidade não veio formada desde o berço, mas foi e continua sendo moldada dia a dia através da convivência com tantos seres humanos, que assim como eu, erram, magoam, mas são únicos e indispensáveis para minha vida.

Me chamo Renata dos Santos Cavalcanti, nasci em Guarabira, PB, no dia 01 de Março de 1990. Sou a primeira filha de Cosme Francisco Cavalcanti e Maria da Penha dos Santos Cavalcanti, um casal simples e sem recursos financeiros, mas que nunca mediram esforços para que eu tivesse acesso a educação.

Iniciei minha vida escolar aos quatro anos de idade, no ano de 1995. Os planos dos meus pais eram me matricular no ano anterior, em 1994, porém não foi possível

devido a uma viagem que fiz com a minha mãe para o Rio de Janeiro, e quando voltamos a Guarabira já não havia mais vagas na escola escolhida por meus pais. Contudo não fiquei prejudicada, pois meus pais se encarregaram de me ensinar as primeiras letras. Foi em casa mesmo, que aprendi as vogais, o alfabeto, algumas sílabas, reconhecia algumas palavras mesmo sem saber ler ainda, e gostava muito de escrever aquelas letrinhas que me encantavam. Sempre estava com lápis e papel nas mãos. Apaixonada por livros me encantava toda vez que abria um e me deparava com aquele universo colorido e com palavras que eu ainda não sabia decifrar. Como não sabia ler, imaginava a história por meio da ilustração, era nesse momento que eu viajava para bem longe. Meus pais sempre me contavam histórias, eu amava ouvi-las e imaginava as cenas.

Meu pai não teve a oportunidade de estudar muito, cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental I (antigo primário), a família dele, por ser muito pobre, era obrigada a encaminhar os filhos para uma vida de trabalho ainda na infância. Minha mãe teve mais oportunidade, apesar de fazer parte de uma família pobre e de seus pais serem analfabetos, ela estudou e pode concluir o ensino médio, o que, para aquela época, já era muita coisa, motivo de orgulho para os pais e o resto da família. Minha mãe sempre foi interessada por leitura, e mesmo não tendo curso superior tem um modo de ver o mundo bastante crítico. Acredito que entre os muitos motivos que levaram meus pais a se interessarem pelos meus estudos foi o fato deles não terem tido muita oportunidade, principalmente o meu pai.

Além do interesse na minha educação, meus pais também sempre me ensinaram a respeitar os outros, independente de cor, credo religioso, posição social, idade, entre outras coisas. Aprendi com eles a valorizar as coisas simples da vida, e que para alcançarmos aquilo que desejamos é preciso muito esforço.

Hoje, as coisas para mim e minha família são bem mais fáceis, mas nem sempre foi assim. Desde criança aprendia a conviver com as dificuldades da vida e cresci sabendo que o mundo não é e não seria nunca um mar de rosas, porém há como ser feliz mesmo quando a vida nos proporciona momentos difíceis. Nunca fui uma criança ambiciosa, de cobrar presentes dos pais, pois tinha consciência de que era meu dever estudar e me esforçar, nada de ser aprovada para ganhar brinquedos no fim do ano. Sempre respeitei meus pais e a todos a minha volta, não por medo de castigos ou de

brincas, e sim porque na minha cabeça já estava plantada o respeito como sendo um ato obrigatório de cada um. Cresci em um lar pobre, mas cercado de confiança, onde eu e minha irmã tivemos acesso a tudo que ocorria, nenhum problema era oculto aos nossos olhos, afinal nós um dia iríamos crescer e ter que conviver com problemas e dificuldade, mas sempre com fé em dias melhores. Tenho defeitos e isto é normal, pois sou humana, e as melhores coisas que existem em mim, adquiri com meus pais, e me orgulho disso, não de mim, me orgulho deles.

Com muito esforço meus pais me matricularam na Escola São Francisco, uma escola particular bastante tradicional em Guarabira, no início de 1995 eu fui para a escola pela primeira vez, lembro-me muito bem do primeiro dia como se fosse ontem. Fui matriculada no Jardim II, e caso eu não acompanhasse voltaria para o Jardim I, mas consegui acompanhar com um bom desempenho. Estudava no turno da manhã e era difícil acordar cedo, era a parte ruim, minhas primeiras professoras foram Gilmara e Jeanne (que era a auxiliar). Minha prima Keilha também foi para a escola comigo, ficávamos juntas o tempo todo e eu era muito tímida, esse meu lado acabou atrapalhando muita coisa por um longo tempo. Eu gostava muito de estudar, mas como era muito tímida não me sentia tão bem no ambiente escolar, eu queria mesmo era ser alfabetizada em casa.

Nesse mesmo ano nasceu a minha única irmã, Rafaela. Nasceu no dia 24 de Março, vinte e três dias após o meu aniversário. Como eu era a única filha até então, tive medo de não ser mais tão amada, mas esses ciúmes logo passaram, até porque eu havia ganho uma bonequinha viva, uma amiga para a eternidade, acabara ali um pouco da minha solidão.

Na rua onde cresci e moro até hoje, não havia muitas crianças e eu brincava pouco, passava a maior parte do tempo dentro de casa rabiscando e desenhando, pois na época eu tinha um certo dom para desenhar, com o passar do tempo eu fui me ocupando com outras coisas e deixando os desenhos de lado, mas fazia muito isso até a minha adolescência. À vezes eu ia à casa da minha avó, lá eu brincava com a minha prima, tínhamos a mesma idade e nos dávamos muito bem, ou melhor, nos damos muito bem até hoje. O tempo foi passando, a minha irmã foi crescendo, na rua foram chegando novos moradores, e eu fui fazendo novos amigos, então passei a sair mais pra brincar e conversar na frente da casa. Recordo-me com saudade das noites animadas onde

ficávamos nas calçadas até tarde, brincávamos, conversávamos sobre tanta coisa, era tanta criança pra lá e pra cá, só alegria. Na escola não era tão legal, pra ser sincera, não era nem um pouco agradável para mim, eu não me sentia confortável, tinha uma dificuldade enorme de me associar com as crianças da turma, as brincadeiras e conversas não se encaixavam com meu perfil, por isso eu só brincava mesmo com meus colegas da vizinhança.

Permaneci na Escola São Francisco até o ano 2000, quando terminei a educação infantil aos dez anos de idade. Lembro-me até hoje de todas as professoras que tive naquela escola, frequentemente encontro com algumas no dia a dia, também vejo colegas de turma daquela época com quem até hoje falo, só que uma é mais especial para mim, Kaline. Nos conhecemos no jardim de infância, estudamos juntas o final da educação infantil, na mesma época ela veio morar na mesma rua que eu e até hoje está por aqui e a nossa amizade permanece a mesma. No ano seguinte em 2001, fui matriculada na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente). Eu nem imaginava, mas a minha vida estava prestes a mudar muito.

O que esperar de uma pré-adolescente tímida, misantrópica e solitária? Pode parecer engraçado para alguns, mas para mim não era legal, por mais que eu tivesse vontade eu não conseguia me encaixar nos grupos da escola, ou melhor, eu me encaixava sim, no grupo de meninos tímidos que sentavam na frente e só preocupava em tirar boas notas. E mesmo assim, ainda era complicado, pois até entre nós trocávamos pouquíssimas palavras. Com o passar do tempo tudo foi mudando. Era algo novo, vários professores, várias disciplinas, o colégio enorme, cheio de alunos que já não eram apenas crianças, no começo foi complicado e meu jeito de ser me impediu de aproveitar o ambiente por um bom tempo, mas depois, passei ali momentos que jamais esquecerei, foram oito anos de muita alegria, amigos e aprendizado.

Continuei a tirar boas notas e a estudar bastante e com o passar do tempo foi me familiarizando naquele ambiente. No ano de 2002, fui reprovada por conta de um ponto e meio em matemática, fiquei revoltada, pois fiz um trabalho e a professora disse que eu não havia feito, mas era a palavra dela contra a minha e não podia mais fazer nada. No ano seguinte repeti a sexta série. No começo fiquei com uma raiva enorme, mas depois me acostumei e acho que foi até melhor, porque foi em meio aos novos amigos que me senti mais à vontade e passei a me integrar mais em sala de aula.

O colégio tinha um ótimo espaço, com muitas árvores e uma grande quantidade de alunos, na hora do intervalo todos se espalhavam fora das salas de aula, era sempre muito animado, os professores legais, os alunos divertidos e tudo era motivo para festa. Ocorriam muitos eventos na escola, e mesmo que eu não participasse ativamente deles eu não perdia a oportunidade de prestigiar, ia à todos e voltava para casa cheia de histórias pra contar. O tempo ia correndo e eu ia percebendo o quanto aquele lugar me fazia bem, aprendia muito sobre muita coisa.

Em 2005, já na oitava série do ensino fundamental percebi que aquela menina calada que sempre ficava no seu cantinho afastado começava aos poucos a dar espaço para que eu pudesse aproveitar mais a vida e me divertir. Comecei a falar na sala de aula, brincava com os professores, amava apresentar seminários e fazia muitos amigos. Tudo isso também foi possível por conta da igreja, já que minha família é protestante desde os meus nove anos, então eu participava de algumas apresentações, grupos de música, retiros, e isso me ajudou muito.

No ano de 2006, no primeiro ano do ensino médio eu resolvi cursar o magistério no Colégio Osmar de Aquino, em Guarabira. Estudava pela manhã no Monsenhor Emiliano de Cristo e a noite ia para o magistério, mas não tinha interesse em ser professora, embora eu sentisse uma afinidade com a área da educação.

Terminei o ensino médio no Monsenhor Emiliano de Cristo em 2008, mas ainda não sabia o que eu queria para a minha vida, eu sempre falava que um dia cursaria História, pois eu amava e tirava boas notas, sempre lia os livros de Histórias, assistia documentários, mas achava que seria um complemento para minha vida depois que eu já tivesse uma profissão. Ainda sinto saudade daquela escola que me proporcionou tanta alegria e aprendizados, fiz amigos, vivi intensamente cada momento que passei por ali, e nem sequer imaginava que posteriormente eu voltaria por meio do PIBID.

Em 2009 concluí o magistério, e resolvi fazer o vestibular da UEPB, mas não sabia ainda que caminho eu ia seguir, então escolhi História já que era a minha paixão, e comecei a perceber que aquilo era o que eu realmente tinha vontade.

Passei com uma boa pontuação, ficando em segundo lugar, e fui até criticada, porque com os pontos que obtive no vestibular, poderia cursar outros cursos considerados melhores por muita gente. Era comum que ouvisse das pessoas que por eu

ter sido uma boa aluna, capaz de fazer uma boa pontuação no vestibular, deveria ter escolhido outro curso. Eu estava feliz, ansiosa para o primeiro dia de aula e nada disso me importava. Era grande a expectativa para o primeiro dia na universidade.

O primeiro dia no curso de História foi diferente dos demais já vividos por mim, era um ambiente educacional diferente daqueles que eu frequentava anteriormente, era muito diferente da escola, os professores e suas maneiras de falar, de ver o mundo, era tudo novo. Apesar de ter encontrado algo novo eu não fiquei tão assustada com a novidade, pelo contrário, me identifiquei com aquele lugar e aguardava ansiosa para que os dias passassem e as aulas e os textos viessem, queria começar a ler logo, aprender algo novo me deixava maravilhada e cheia de curiosidades. Neste primeiro dia não houve aula para nós, “ferinhas”, mas o professor Waldeci foi nos dar as boas vindas, pediu que fizéssemos um círculo com as cadeiras para conversarmos e nos conhecermos melhor, e cada um ali, teria que se apresentar falando o nome, a cidade e o motivo que o levou a cursar História.

Antes disso eu já havia conversado com alguns dos meus companheiros de turma, pois chegara cedo ao campus e encontrei alguns que já estavam por lá. No primeiro dia conversei com muitos daqueles que já faziam parte da turma, mas foi de Mayara Mendes e Mayandson Tomaz que eu me aproximei mais rápido, e na primeira semana eu já não desgrudava mais dos dois, e nossa amizade permanece forte até hoje. Na semana seguinte conheci Maria Rosianne que seria a minha companheira de trabalhos, além de minha amiga pessoal. O tempo foi passando e eu fui fazendo mais e mais amigos naquela turma, onde se destacam Maria Rosianne, Mayara Mendes, Manuel, Mayandson, David, José Valdeir, Arderis, Tânia, Sanúbia, Roseane Lima e Beatriz.

Na turma havia músicos, então sempre nos reuníamos com violão, saxofone e cantoria. Alguns eram bons em contar e fazer piadas, e eu sempre ria muito. Apesar de tanta animação no intervalo, durante as aulas nós não demonstrávamos tanta empolgação, e isso não agradava aos professores, eles sempre reclamavam e comentavam que a nossa turma não era tão interessada, mas não era bem assim. Nós não tínhamos ainda o hábito de discutir e expor nossas opiniões durante as aulas, mas éramos observadores e durante as nossas conversas longe dos olhos dos docentes, costumávamos discutir os textos e debater acerca das aulas.

Desde as primeiras avaliações até a conclusão do curso sempre mantivemos as notas boas, a turma teve um grande potencial, a grande parte dos alunos participavam de projetos, eram aprovados em seleções de monitoria, PIBIC, PIBID, extensão, enfim, ao contrário do que parecia, éramos muito dedicados.

Mas, como tudo na vida exige renúncia e apresenta dificuldades, não seria tão fácil assim. Quando me inscrevi para o vestibular optei pelo período da tarde, isso porque a concorrência certamente seria menor e eu achava que seria mais fácil conseguir a vaga, mas isso complicaria um pouco a minha vida, já que assim eu não ia poder trabalhar. Fiquei feliz por estar fazendo um curso superior e ao mesmo tempo preocupada, quando me dei conta de que as coisas se tornariam meio difíceis para mim, pois para me manter no ensino superior eu teria alguns gastos, além das necessidades pessoais. Conversei com a minha mãe em busca de uma luz, de alguma ideia que me ajudasse a resolver esse probleminha, cheguei até a falar que iria desistir do curso, mas meus pais não permitiram, sempre deixaram claro que eu tinha que estudar e que o trabalho chegaria no tempo certo. O maior motivo da minha inquietação era o fato de que apenas meu pai trabalhava para suprir as despesas da casa e eu sentia muita vontade de ajudá-lo, não era certo eu passar os próximos quatro anos sem trabalhar. Eu também precisaria comprar livros para melhorar a qualidade dos meus estudos, ter dinheiro para o transporte já que não havia transporte público para os alunos da UEPB, exceto no turno da noite. Eu não me conformava em depender financeiramente do pai para tudo, sendo maior de idade e sabendo que ele trabalhava de sol a sol para arcar com todas as despesas da família, enfim, me sentia incomodada com aquela situação e tinha consciência de que já estava mais do que na hora de ir em busca de um trabalho para poder ajudar minha família e também caminhar com minhas próprias pernas.

Pensei durante dias e noites na tentativa de encontrar uma solução, o horário das aulas complicava muito, pois seria quase impossível encontrar um emprego onde eu pudesse trabalhar meio expediente, a não ser em uma escola. Então fui à procura de uma oportunidade na área da educação, eu tinha concluído o curso Magistério e isso me possibilitava atuar na educação infantil, corri atrás, mas nada parecia dar certo, isso também se deu pelo fato da minha cidade ser um município onde a politicagem é comum, é natural por aqui que as pessoas consigam trabalho apenas por terem afinidade com algum político ou pessoa influente na cidade, como não era o meu caso nada deu certo. Um dia, em conversa com a minha avó, ela se ofereceu para me apresentar a uma

pessoa de influência política na cidade e pedir ajuda, eu não gostei muito da ideia por não concordar com esse tipo de coisa, mas depois de um tempo ela me convenceu e acabei indo, estava precisando e já cansada de não ter êxito na minha procura e não me via em condição de rejeitar uma ajuda. Fomos à casa dessa tal senhora, ela não me garantiu nada, mas ligou para a Gerência do Conselho Regional de Educação em Guarabira, falou que estava me indicando para uma vaga na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fui até a Gerência entregar meus dados e mais uma vez nada deu certo, esperei por alguns dias e nenhuma ligação, nenhum e-mail, nenhum contato. Eu estava muito desanimada, porém meus pais conversaram comigo deixando claro que eu não iria abandonar o curso, falaram que eu deveria ter paciência e esperar mais um ano, eles se comprometam em me ajudar, a minha tia que mora no Rio de Janeiro também se propôs a me dar a assistência necessária, eu acabei me conformando e mesmo com a presença de dificuldades tudo foi dando certo.

À medida que os semestres iam passando eu ia gostando cada vez mais do curso de História, as aulas traziam novos temas e as leituras exigiam ainda mais de nós. Durante todo o curso não houve nenhum componente curricular do qual eu não gostasse ou tivesse dificuldades. Eu crescia mais enquanto aluna e também no âmbito pessoal, eu ia percebendo que tudo aquilo que eu aprendia nas aulas, com as leituras, através dos professores e principalmente com o convívio na turma, contribuía para uma visão de mundo que me respondia mais, mas tudo era pouco perto da jornada que eu ainda tinha que percorrer. Posso dizer que o terceiro ano do curso foi o mais complicado para mim, não em questão de dificuldades com as aulas e as leituras, mas minha vida pessoal se encontrava em um verdadeiro desconcerto, tive problemas que me atormentaram me deixando em um grande desânimo. No mesmo ano abriram as inscrições para o PIBID, tive o CRE aprovado para a seleção, fiz a entrevista e consegui a bolsa. Acredito que o projeto veio no momento mais certo, não pelo valor financeiro da bolsa que sem dúvida alguma me ajudou bastante, mas o que importava de verdade era que eu teria algo novo pela frente e ocupar mais o meu tempo e naquele período de tribulação seria muito bom.

Só da minha turma foram classificados sete alunos para o projeto PIBID, eram quinze bolsas para o curso de História, e fomos divididos em três grupos que atuariam em três escolas estaduais do município de Guarabira. A coordenadora do projeto no curso de História era a professora Luciana Calissi, a mesma permaneceu conosco boa parte do projeto e depois passaria a responsabilidade ao professor João Bueno. No meu

grupo ficamos eu, Tânia, Sandeilson, Aline e Joanne. A nossa supervisora na escola seria a professora Severina Gomes a qual chamávamos de Bibi. Ficaríamos na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente), onde eu estudara por oito anos. Estava muito feliz por ter a oportunidade de voltar ao lugar que tanto amava.

O PIBID me possibilitou muita coisa, aprendi bastante, os trabalhos desenvolvidos pelo grupo sempre foram bem sucedidos, nós costumávamos dizer que formamos uma boa equipe porque tínhamos a mistura perfeita, onde um completava o outro. Passamos a ser uma equipe de amigos que trabalhavam buscando um ensino inovador que possibilitasse ao corpo discente daquela escola um aprendizado satisfatório. Nossa equipe deu certo, a direção da escola sempre ouvia as nossas propostas e não se recusava a nenhuma mudança. Durante um ano e seis meses trabalhamos incansavelmente contando com a ajuda dos alunos, direção e funcionários em geral. A professora Luciana Calissi, no período em que coordenou o projeto nos deu todo apoio, e o professor João Bueno, ao assumir o posto, também não mediu esforços para nos auxiliar. Utilizamos teatro, música, literatura, cinema, charges, dinâmicas e oficinas pedagógicas para tornar o processo de ensino aprendizado algo mais possível e prazeroso.

Ainda em 2012 participei como aluna voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pela professora Edna Maria Nóbrega. O projeto contava com duas alunas pesquisadoras, a bolsista Roseane Lima e eu, que pesquisava de forma voluntária. Nossas pesquisas estavam voltadas para a “História do Corpo e da Beleza Feminina no Brasil na década de 90” e tinham como objetivo analisar e discutir as estratégias apelativas presentes nas Revistas Boa Forma, Corpo a Corpo e Dieta Já, ambas voltadas para o culto ao corpo feminino e para implantação de um determinado padrão de vida e beleza.

Durante os quatro anos de curso superior me empenhei para não perder nenhuma oportunidade de aprender mais. Participei de cursos de extensões acerca de diversos temas, mesas redondas, ciclos de debates e alguns outros trabalhos acadêmicos.

Por fim, estou na reta final do Curso de Licenciatura Plena em História, cada vez mais apaixonada pelo caminho que descobri e escolhi percorrer mesmo sabendo que ele oferece grandes dificuldades. A História me fez refém do seu encantamento e a sala de

aula me chama cada vez mais atenção, embora eu saiba que a área da educação não é nenhum mar de rosas eu me sinto realizada quando estou dentro de uma sala de aula, trocando saberes, aprendendo a viver. No nosso país enfrentamos batalhas cansativas e dolorosas, o nosso trabalho não é reconhecido, as escolas estão em estado de decadência total, os alunos não possuem acesso aos melhores matérias e maior parte destes alunos também não possuem a menor esperança de um futuro melhor, e essa é parte mais triste dessa história. E são esses motivos que me fazem sentir mais vontade de ajudar a reverter esse quadro lamentável, pois não tenho dúvidas de que a educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo, como já disse Nelson Mandela. Muitas vezes temos que sair às ruas, fazer greves, gritar em alta voz por uma educação de qualidade, afinal é um direito nosso. A caminhada é árdua, mas quem disse que seria fácil?

Continuo minha jornada reconhecendo meus limites, me esforçado para encontrar respostas para as perguntas que ainda trago comigo, buscando ver o mundo não apenas com um olhar crítico, mas também com os olhos de um ser humano que erra, sonha, muda de opiniões e tenta evoluir mesmo através dos erros. Cada momento desse curso me proporcionou saberes que levarei para minha vida, cada professor me ensinou algo, cada companheiro da 2010.1 me ajudou a ser quem eu sou hoje. Seguirei batalhando para ser aprovada em um concurso público, fazer um mestrado e ir dando continuidade a minha formação profissional, que não acaba tão cedo. Sou feliz por tudo aquilo que tenho e que sou.

“Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” (Paulo Freire)

CAPÍTULO II - OFICINA PEDAGÓGICA: UMA FERRAMENTA EFICAZ PARA ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA

“[...] Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 2011. p. 68).

É com base na complexidade encontrada no caminho que leva a História ao encontro do aluno, que nos sentimos desafiados para refletirmos a respeito do processo educativo. No ambiente escolar a vitalidade desse processo muitas vezes se oculta, podendo até adormecer, isso ocorre quando professores e alunos são conduzidos a ecoar métodos de ensino aprendizagem monótonos, sem dar dimensão para a criatividade e menos ainda para participação dos alunos. Contudo, sabemos que existem métodos pedagógicos de caráter dinâmico, que atuam no melhoramento processo de ensino aprendizagem, é esses métodos acima de tudo são acessíveis às escolas em geral que despertam a criatividade dos participantes. As oficinas pedagógicas resumem a ideia central da nossa reflexão, são espaços onde as propostas de transformação e diálogo, tornam-se realidade.

Através da estratégia metodológica de oficinas, foi possível participar do processo de ensino e aprendizagem de maneira mais objetiva, nos opondo também aos métodos tradicionais de ensinar História que consistem apenas na utilização do livro didático em sala de aula, e principalmente, deslocando o eixo da produção do conhecimento para o alunado. A partir das dificuldades enfrentadas por parte dos professores e alunos no que diz respeito o ensino de História, faz-se preciso e indispensável um cuidado ainda maior em torno da aula, para que o decorrer da mesma possa ser de maneira clara, objetiva, atraente e participativa.

Buscamos a partir da realização da oficina pedagógica, levar aos discentes uma ocasião oportuna para que os mesmos explorem e questionem o tema proposto por meio de várias atividades, para que o corpo discente possa compreender a necessidade de estudar a História e a importância dos fatos passados nos dias atuais.

A oficina pedagógica é um método bastante dinâmico e eficaz, sem dúvida irá trazer um rico aprendizado tanto para os alunos quanto para os medidores, por se tratar

de um método baseando na troca de conhecimentos, ou seja, tudo será aproveitando, todos serão transmissores de saberes. Acreditamos que por meio da metodologia escolhida e a partir do seu progresso chegaremos à construção de conhecimentos históricos entre o corpo discente, conhecimentos estes que dão sentidos no processo de aprendizagem histórica. Compreende-se que essa construção de saberes foi alcançada tanto para os alunos participantes quanto para os mediadores da oficina pedagógica, pois a oficina desenvolveu-se constituída por atividades dinâmicas, interativas, capazes de mover o corpo discente para uma interação maior com a temática abordada.

Fundamentados em tais princípios, confirmamos a veracidade da oficina enquanto método de ensino contribuinte para a formação de sentidos ao tema abordado, o qual provinha de problemáticas contidas no conhecimento prévio dos alunos atuantes no tempo presente, mas que obtinham significados para o aluno através da compreensão de perspectivas que originaram-se no passado e continuam presentes nos dias atuais.

Planejamento da Oficina Pedagógica

A oficina foi pensada com intuito de levar aos alunos uma reflexão a respeito da Região Nordeste, explorando seus costumes e cultura, abordando a construção do Nordeste a partir da literatura, da música e dos recursos midiáticos (neste caso a televisão e as redes sociais), trazendo esse Nordeste e sua suposta identidade ao encontro da realidade em que estamos inseridos nos dias atuais. A oficina correspondente a essa descrição seria a princípio preparada com a finalidade de discutir e discorrer sobre os preconceitos produzidos pelas Regiões Sul e Sudeste com relação as Região Norte/Nordeste do país, onde daríamos ênfase as suas evidências presentes em símbolos, discursos, representações e práticas presentes em inúmeros meios de comunicação, e também no contanto pessoal no que diz respeito as agressões verbais e físicas.

Durante a preparação da oficina foram apresentadas várias ideias, todas baseadas em teorias e conhecimentos produzidos na academia, e especificamente na proposta dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). No início ocorreram algumas dificuldades que posteriormente seriam superadas. Consideramos como mais complicado o momento em que não se conseguia encontrar um porquê para a escolha de tal tema, ou seja, não se

tratava apenas de abordar um tema atuante na sociedade na qual estamos inseridos era necessário ir para além disso, buscava-se uma ligação entre o *preconceitosofrido pela Região Nordeste* e a práticas daqueles alunos enquanto seres sociais, pois apesar destes mesmos alunos serem nordestinos, não seria interessante nem tampouco suficiente levar para o meio escolar uma representação que põem o Nordeste no lugar de “vitima” e as Regiões Sul/Sudeste como as “vilãs” dessa história. Era preciso trabalhar tal questão partindo dos pré-conceitos e preconceitos produzidos pelos próprios alunos no seu dia-a-dia, fazendo com que estes percebessem também que o preconceito se faz presente em nosso meio e muitas vezes de forma que não percebemos e isso leva-nos a cometer julgamentos que em sua maioria inferiorizam o outro, o Nordeste então passou a ser o objeto explorado durante as atividades, por meio do tema “*Nordeste: Sinônimo de Diversidade*” a oficina trabalharia a diversidade nordestina vista como algo diferente no sentido de anormalidade/inferioridade. A construção da identidade nacional iniciada ainda no início da República por meio da literatura, da historiografia e da arte, teria que ser deportada para dentro da sala de aula, pois os alunos deveriam tocá-la e sentir as influências provocadas pelas sociedades passadas no nosso cotidiano, além de discutirmos a presença dessa tentativa de impor uma identidade homogenia ainda nos nossos dias. Após vários questionamentos e orientações, fomos impulsionados para seguir o caminho que se almejava. Seria trabalhada na oficina, uma questão que se encontra entre os mais graves problemas que circulam a sociedade nos dias atuais, o *preconceito*. Foram previstas duas horas para a realização da oficina pedagógica.

Organização das Atividades

Para que o tempo pudesse ser aproveitado da melhor forma possível, foi estabelecido para a oficina o quadro abaixo, nesse quadro foram colocadas todas as atividades seguindo uma determinada ordem, e contendo também o tempo previsto para a realização de cada uma delas.

Ordem	Atividade	Tempo
01	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos participantes e mediadores: Dinâmica; • Apresentação da oficina: Objetivos. 	10 min
02	<ul style="list-style-type: none"> • Problemática: Jogo de perguntas e respostas. 	10 min
03	<ul style="list-style-type: none"> • Exibição dos slides, sendo dividido em dois momentos. 	20 min
04	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão a cerca do que já foi explanado. 	20 min
05	<ul style="list-style-type: none"> • Músicas; • Discussão da letra de cada música. 	20 min
06	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração da atividade. 	30 min
07	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão. 	10 min

O primeiro passo dado na realização da oficina é a apresentação dos participantes e mediadores, para que esse momento possa ser o mais proveitoso possível optamos então pela dinâmica, pois através dela será estabelecida uma relação mais próximas entre os mediadores da oficina e os alunos participantes, além disso torna-se factível o uso do conhecimento prévio dos discentes, para que através deste conhecimento possamos então desenvolver a oficina pedagógica.

Para que possamos obter um ensino mais eficiente é essencial o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de técnicas didáticas inovadoras, baseadas em uma prática que venha a dar condições para uma troca de saberes mais prazerosa e coletiva. Em meio a essas técnicas podemos classificar a dinâmica como recursos que garante resultados eficientes na educação, contudo para isso é indispensável ter um cuidado tanto no planejamento quanto na realização dessa atividade. As dinâmicas estão ganhando uma dimensão cada vez maior ao longo do tempo dentro das salas de aula, isso mostra claramente que a dinâmica pode e deve ser utilizada como um excelente instrumento do fazer pedagógico. Essa ferramenta mobiliza o aluno, rompe paradigmas,

desenvolve competências, desperta habilidades, além de socializar o corpo discente, partindo desse método a sala de aula passa a trabalhar junta como se todos passassem a serem peças que formam um quebra cabeça, o mais interessante é o fato do professor também compõe esse corpo, ele passa a atuar de igual para igual, já não é visto pelos alunos apenas como um ser transmissor de conhecimentos e sim como um ser que está na sala de aula para trocar saberes.

Caberá aos mediadores da oficina convidar os alunos a se posicionarem em um grande círculo. Logo depois, o grupo de mediadores será apresentado e pedirão aos participantes que façam o mesmo, todos terão que dizer o nome e alguma palavra ou expressão presente no vocabulário nordestino (figuras de linguagens), ou qualquer evento cultural/típico característico da Região Nordeste. Todos irão participar da dinâmica, inclusive os mediadores. Em seguida os mediadores vão apresentar aos alunos os objetivos da oficina e orientarão os mesmos sobre as atividades a serem realizadas.

A segunda atividade da oficina será efetuada através do conhecimento prévio dos alunos. Os mediadores levantarão problemáticas por meio de um jogo de perguntas e respostas, para que o corpo discente possa apresentar um pouco da sua própria visão de mundo, onde todos, mediadores e alunos, irão identificar e discutir os pré-conceitos e preconceitos que desenvolvemos e aplicamos no meio social no qual estamos inseridos. E partindo de tal problemática a oficina será realizada baseando-se no conhecimento prévio da turma, com isso daremos continuidade ao trabalho de maneira participativa e dinâmica.

A terceira atividade da oficina será efetuada em dois momentos, cada um deles contará com recursos tecnológicos que desempenharão um papel necessário para a melhor explanação do conteúdo que será exposto por meio de slides. No primeiro momento faremos a utilização de um slide cujo título é “*O Brasil visto pelos brasileiros*”, tal recurso exibirá imagens que serão analisadas e discutidas, imagens estas que representam o Nordeste na visão das demais regiões brasileiras (imagens associadas à seca) e ao mesmo tempo serão exploradas imagens que representam a Região Sudeste (mais precisamente o Rio de Janeiro), com o intuito de que percebamos como enxergamos o outro sem termos conhecimento do mesmo, gerando pré-conceitos que podem nos levar a preconceitos. Também atentaremos para o porquê do preconceito

contra pessoas e costumes do Nordeste por meio de uma reflexão contida na obra do historiador Durval Muniz – *A Invenção do Nordeste*. Em seguida, partiremos ao segundo momento desta atividade que também contará com a exibição de mais um slide, este intitulado de “*O Nordeste que a mídia (re)produz*”, onde apresentaremos e problematizaremos imagens que retratam o Nordeste (re)produzido na mídia, tendo como foco principal as representações cinematográficas e a TV brasileiras, através de filmes, series, programas televisivos e principalmente as telenovelas. Por meio destas imagens todos os que compõe o corpo discente irão refletir para até então chegarem a uma conclusão onde os mesmos terão que reconhecer se estão ou não sendo identificados com tais representações.

Ainda neste segundo momento da atividade, mostraremos alguns *print's* extraídos da internet, mais precisamente das redes sociais como *Twitter* e *Facebook*, contendo frases pronunciadas e escritas nas redes sociais por populares que evidenciam de maneira explícita o preconceito contra nordestinos. E por fim, em contrapartida aos discursos e imagens preconceituosas, atentaremos os alunos para o Nordeste reportado pelos próprios nordestinos, no conhecimento prévio dos mesmos, juntamente com uma figura de linguagem que muito tem expressado os costumes e o cotidiano dos nordestinos na internet – “Facebook” (Bode Gaiato) – quanto à temática abordada.

Feito isso, partiremos para a quarta atividade, onde estaremos fundamentados em todos os pontos até então explanados. Sendo assim, refletiremos a cerca do preconceito em nossa sociedade e os males que este causa. Abordaremos essa temática em uma roda de conversa, onde todos terão a oportunidade de argumentar a cerca de atos preconceituosos, não apenas contra nordestinos, mas ampliando a visão para outras classes, culturas, povos e indivíduos inferiorizados por tais conceitos.

Distribuiremos entre os alunos a letra da música “*Farinha do mesmo saco*”, para que ao ouvirem a canção todos possam acompanhá-la e compreendê-la da melhor maneira possível. A canção traz em sua letra uma abordagem ampla e objetiva sobre a questão das diferenças, despertando ainda mais os alunos para a diversidade (cultural, étnica, social, sexual, religiosa). Através da análise feita em conjunto assimilaremos melhor tudo o que já foi explanado com relação aos pré-conceitos gerados no cotidiano da sociedade.

Continuaremos a utilizar músicas como ferramenta didática, após os alunos ouvirem e juntamente com os mediadores analisarem a letra da canção “*Farinha do mesmo saco*”, os participantes receberão a letra da música “*Porta do Sol*”, mediadores e corpo discente cantarão juntos a música, na qual a letra representa a capital da Paraíba, João Pessoa, enfatizando a mesma como um lugar de belezas naturais, ou seja, mostrando um Nordeste que apesar de enfrentar problemas (o que não difere do resto do país), como um lugar que apesar da seca muitas vezes devastadora, também é possuidor de belezas e riquezas naturais, e uma rica cultura. Também é preciso salientar que assim como nas representações literárias e cinematográficas a música carrega muitas vezes a função de construir identidades, como é o caso da canção “*Porta do Sol*”.

Para que o trabalho seja continuado será realizada uma atividade referente a tudo o que foi explanado, discutido e problematizado durante o decorrer da oficina. Aos mediadores caberá explicar para o corpo discente como será efetuada a atividade, após a explicação aos mesmos destacando no quadro pontos que foram abordados no durante todo o proceder da oficina pedagógica e que deverão estar presentes na atividade a ser produzida pelos alunos. Os alunos estarão livres para escolher quais ou qual dos pontos abaixo irão pontuar em suas respectivas produções:

- Diversidade;
- Preconceito;
- Cultura Popular Nordestina;
- Turismo no Nordeste;
- Respeito às diferenças.

Para a produção das atividades serão formados grupos, no entanto cada aluno terá que produzir seu próprio trabalho. Eles receberão recortes de cartolinas onde deverão escrever um pequeno texto, ou verso, ou uma charge, ou um cordel (a criatividade ficará por conta do aluno), enfatizando os pontos acima já explanados e discutidos durante a realização da oficina. Após a conclusão desta atividade, os trabalhos produzidos serão fixados em um painel com o tema da oficina – Nordeste: Sinônimo de Diversidade – este mesmo painel ficará exposto na escola.

Após a produção da atividade, ocorrerá o encerramento da oficina pedagógica. Os mediadores concluirão o trabalho de forma sucinta e objetiva, enfocando os conceitos

de Nordeste, os pré-conceitos construídos e desenvolvidos na nossa vivencia enquanto seres sociais e apontando ainda o preconceito e sua atuação na sociedade, a partir dos conhecimentos adquiridos na academia, também os saberes construídos em conjunto durante o decorrer da oficina pedagógica. O espaço permanecerá em aberto para que os discentes possam expor suas questões (perguntas/respostas/criticas), e claro, para a adição do conhecimento mútuo, visando o fato de que a sala de aula é um campo para construção/troca de saberes. O nosso alvo através desta oficina consiste em levar o aluno a se sentir parte da História, fazendo com que eles se sintam integrandos com os temas abordados e cota a suas construções históricas. Que essa não venha a ser uma mera aula de História, mas um momento de aprendizado e reflexão para o corpo discente tenha a oportunidade de enxergar a si mesmo como sujeito da História, como aborda acitação a seguir:

“Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a ‘inclusão histórica’.” (PINSKY, PINSKY, 2004, p. 28).

Realização da Oficina Pedagógica

Estando as oficinas já elaboradas e os grupos formados, partiríamos rumo ao Sítio Violeta, assentamento Maria Preta, município de Araçagi, Paraíba. Como havia sido combinando no encontro anterior durante a aula de ESO II, as atividades seriam realizadas no dia 23 de agosto de 2013, nos encontraríamos na manhã do dia marcado no centro de Guarabira, e as 8:00 da manhã estaríamos a caminho da Escola Olívio Maroja. Juntamente com a professora Marisa Tayra², os alunos seguiram viagem, foram divididos grupos para três carros. A aventura começaria antes mesmo de chegarmos à escola, durante todo o percurso observamos muito a respeito da vida no campo. Entre as muitas coisas que iam sendo observadas e discutidas ao longo do caminho, destacaram-se as complicações vividas pelos moradores do zona rural, principalmente no que se refere a locomoção deles até a cidade, o Sítio Violeta fica distante do meio urbano e além do mais os caminhos percorridos pelos moradores daquela região apresentam

²Professora ministrante das aulas de ESO II na turma 2010.1 “A”, e responsável pela coordenação dos estágios realizados pelos alunos da turma.

várias complicações, estradas de barro empoeiradas, esburacadas e os rios que no período de chuvas encham impedido a passagem dos meios de transportes.

Apesar dos obstáculos, a viagem ficava cada vez mais interessante e prazerosa. Parávamos no meio do caminho afim de registrarmos cada detalhe daquele momento de aprendizados e alegrias. Éramos guiados por Renata Gonçalves³ que ia a nossa frente em uma motocicleta e aproveitava para nos apresentar um pouco mais do seu lugar, da sua gente, do seu cotidiano árduo e ao mesmo tempo regado de esperança e força de vontade. Ao longo do percurso um encantamento com a vida no campo ia tomando a todos, as belas paisagens e a simplicidade daquela região, tornava a aquela jornada mais rica, pode-se dizer que houve naquele dia algo maior do que uma simples aula de História.

Já se sabia que a vaquejada é uma prática comum naquelas redondezas, o esporte faz parte do cotidiano daquelas pessoas, a tradição é forte por ali e passa de pai para filho. A maioria da turma não conhecia de perto a vaquejada, então fomos guiados até a construção de um parque de vaquejada, onde foram obtidas algumas informações a cerca de tal prática cultural daquele lugar. Conhecemos um pouco da história daquele local, ainda no caminho em direção a Escola Olívio Maroja, fomos até um casarão desabitado há mais de dezesseis anos, a casa possui uma arquitetura belíssima, fotografamos os detalhes daquele verdadeiro monumento esquecido e escondido. Ainda nas mediações do casarão Renata Gonçalves fazia questão de expor um pouco da comunidade e suas redondezas, e principalmente no que diz respeito a implantação do assentamento.

A turma permaneceu ali por bom tempo, e durante esse tempo conversava-se sobre muita coisa, a curiosidade era grande, muitos queriam saber mais sobre a vida no campo. E ainda sobrou tempo para que todos voltassem a infância, saboreávamos daquela vida simples e harmoniosa que não costumamos desfrutar nos meios urbanos, houve brincadeiras de diversos tipos. Foi uma linda viagem no tempo!

No final da manhã chegávamos a Escola Olívio Maroja, onde fomos muito bem recepcionados pelo professor Isaias, diretor daquela escola, e outros funcionários que ali

³Renata também é aluna da turma 2010.1 "A" de História, e foi a mesma quem nos convidou para realizarmos as atividades, já que ela é moradora da região e ex aluna daquela escola. Ela também queria que nós pudéssemos conhecer melhor a realidade da EMEFM Olívio Maroja.

estavam, nos deparamos com uma mesa belíssima, pois eles prepararam um almoço especialmente para nós. Depois que todos almoçaram, partimos para a organização das aulas oficinas, escolhemos as salas mais apropriadas para a quantidade de alunos em cada oficina, sempre contando com a colaboração dos funcionários da instituição, eram feitos os últimos ajustes de tudo, conectávamos os aparelhos a serem usados como computador, caixa de som, data show, também foi feito um grande círculo com as cadeiras. A sala era ampla, mas deveria estar bem organizada por conta da quantidade de alunos, tentamos o possível para deixar o ambiente agradável e sem muitos tumultos.

Ao todo foram planejadas quatro oficinas, o intuito de cada uma delas era realizar um trabalho voltado para a realidade da comunidade, por conta de alguns imprevistos de última hora, um grupo teve que ser dividido, a partir dali teríamos cinco oficinas a serem realizadas na escola Olívio Maroja.

As oficinas teriam que começar às 13:00, todos os grupos já estavam nas salas de aula à espera dos alunos, mas era preciso esperar um pouco mais para dar início às nossas atividades, isso porque o último ônibus só chega à escola por volta das 13:00, devido à distância. A escola foi recebendo os alunos e de repente foi ficando cheia deles, que pareciam animados e curiosos, às 13:30 os últimos alunos chegaram na escola, agora já poderíamos começar a aula-oficina.

A princípio a turma pareceu ser bem agitada e tivemos um certo medo de que isso prejudicasse o andamento da aula, mas depois tudo foi se acalmando, acredito era por conta da surpresa já que eles não costumam receber gente nova por ali. As turmas do 7º e 8º ano eram compostas por adolescentes entre catorze e dezesseis anos.

Conseguimos realizar tudo o que havíamos planejado, eles já sabiam que nós éramos alunos da UEPB, falamos um pouco do que seria realizado naquela tarde, mas os só nos apresentamos durante a dinâmica, assim eles não ficariam tão incomodados ao se apresentarem sozinhos.

Todos tiveram que se posicionarem em forma de círculo, inclusive nós os mediadores, um dos mediadores pegou o novelo de linha e segurando na ponta do fio, disse seu nome e uma palavra típica da região Nordeste, (Ex.: “*Renata Ôxente*”), em seguida a pessoa continuava segurando o fio e jogava o novelo para outro integrante do

grupo, onde ele teria que fazer a mesma coisa, até formarmos um grande emaranhado com a linha.

Os alunos estavam tímidos, alguns se recusaram a ficarem de pé, mas aos poucos foram deixando a timidez um pouco menor, riam e aparentavam gostar da brincadeira, o mais participante era um garoto chamando Leonardo, que ao chegar à sala de aula foi considerado por um dos funcionários como o pior aluno da escola, o mesmo funcionário fez tal declaração na presença de todos que estavam naquela sala, e deixou claro que se Leonardo atrapalhasse era só chamá-lo e ele viria para tirar o garoto da sala de aula. Aquela expressão violenta me chamou a atenção, ficou claro que ninguém havia prestado mais atenção em Leonardo e nem tão pouco procurado conhecê-lo melhor, o fato dele ser agitado e bastante comunicativo causava incomodo dentro da escola. Leonardo talvez, só estava em busca de algo mais prazeroso onde ele tivesse a oportunidade de interagir. Comecei então a observa-lo mais, e como eu já esperava o próprio Leonardo foi o aluno mais atuante durante toda a aula, fazia perguntas, apresentava suas opiniões e estimulava os colegas a fazerem o mesmo.

Os alunos tinham estampado em seus rosto um grande medo de falar, olhavam para nós com uma certa curiosidade, e um com sorrisos discretos no canto da boca eles deixavam evidentes que estavam vivendo um momento diferente, até então nunca experimentado. Realizamos todas as discussões previstas, exibimos slides com imagens do Nordeste e sua cultura, também foram expostas frases e depoimentos preconceituosos contra o Nordeste. Muitos cuidados foram tomados para que os alunos não vissem o Nordeste como sendo vítima e as de mais regiões como vilãs, tivemos que levantar a questão das construções de identidades,

Com muito esforço íamos conseguindo fazer com que eles falassem e participassem da aula, mas as frases eram curtas e alguns só usavam “sim” e “não”, havia aquelas que pediam para seu colega do lado falar em seu nome, porque não tinha coragem de expor sua opinião. Mesmo com essas pequenas dificuldades a oficina foi seguindo seu caminho, e fomos notando também que eles se comunicavam entre si a respeito dos temas que estavam sendo discutido. Começaram a usar exemplos do seu próprio cotidiano, foi ai que eles passaram a participar mais da aula-oficina, levávamos em consideração tudo o que eles iam dizendo, e sempre gerava um debate, mas sem sair do foco principal. Um dos momentos que os alunos mais se empolgaram foi quando

foram exibidas imagens do “*Bode Gaiato*”, um personagem das redes sociais que aborda com muito bom humor e inteligência as figuras de linguagens nordestinas e os costumes do povo do Nordeste, a gargalhada foi geral e muitos participaram das interpretações do Bode Gaiato.

Após todas as discussões chegou a hora da música, a primeira a ser ouvida e analisada foi “*Farinha do Mesmo Saco*”, a letra da autoria de Carlos Maltz dar ênfase a igualdade dos seres humanos, independentemente de suas “diferenças”, a canção acaba quebrando os rótulos imposto pela sociedade. Os alunos ouviram e cantaram juntamente com os mediadores, cada um recebeu a letra para que pudessem acompanhar. Após analisarem a letra o espaço foi aberto para que eles apresentassem suas opiniões com relação a letra da música e o nosso meio social. Exibimos imagens da Região Nordeste, mais precisamente das suas belezas naturais e culturais. Tendo feito isso, usamos a música novamente como instrumento didático, dessa vez através de um vídeo clipe da canção “*Porta do Sol*”, composta e interpretada por Renata Arruda, a música homenageia a capital paraibana, João Pessoa, novamente os alunos receberam a letra da música, para melhorar a interação. Todos conheciam a canção e cantaram alegremente, em ritmos de palmas antes mesmo de nós exibirmos o vídeo clipe, fizemos um animado ensaio, em seguida colocamos o vídeo e cantamos mais uma vez em alta voz. Ao terminamos a cantoria todos aplaudiram, foi uma alegria imensa.

Para concluirmos a oficina, foi entregue aos alunos o dever de produzir um trabalho, foram expostas no quadro os temas, “*diversidade*”, “*preconceito*”, “*cultura popular nordestina*”, “*turismo no Nordeste*” e “*respeito às diferenças*”. Eles ficariam livres para escolher qual o tema que abordariam, e também o que iam produzir, poderia ser charges, cordéis, poemas, paródias, desenhos, entre outros. Distribuimos pedaços de cartolina para que eles fizessem seus trabalhos que depois seriam fixados em painel com o tema da oficina, levado pelos mediadores para ser exposto na sala de aula. De acordo com o planejamento da oficina pedagógica essa atividade seria realizada em grupos, mas por conta do grande número de alunos não foi possível, eles fizeram individualmente, porém tinham total liberdade para trocar informações com os colegas durante a produção. Todos trabalharam muito de maneira cooperativa, um ajudando o outro, quando todos haviam terminado, colocamos o painel no chão para que eles fixassem seus trabalhos. Distribuimos pirulitos e mais uma vez cantamos para encerrar,

concluimos o trabalho sob os aplausos dos alunos, que já perguntavam quando nos iríamos voltar. Enfim, pode-se dizer que ficamos com a sensação de dever cumprido.

CAPÍTULO III – TEORIA AO ENCONTRO DA PRÁTICA

“(…) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

(FREIRE, 1996, p.25)

O Estágio Supervisionado possui um caráter indispensável para a formação do professor, pois é durante esse período que teremos a oportunidade de colocar em prática todas as propostas apresentadas e discutidas ao longo do curso de licenciatura. É o primeiro passo dado para unir teoria e prática. Visando também o exercício de técnicas em sala de aula pelo aluno estagiário, para que o mesmo se familiarize com ambiente escolar, na busca por uma atuação melhor na futura profissão.

Diante dessa nova experiência é necessário que o profissional em formação levante novamente indagações, já feitas durante todo o decorrer do curso, refletindo a cerca da profissão escolhida, seus desafios e possíveis conquistas.

O Desenvolvimento do Estágio

O estágio a ser relatado ocorreu na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente), registrada nos decretos nº 9.697 em 27 de Outubro de 1982 e nº 16.108 em 22 de Fevereiro de 1994, a instituição encontra-se situada na Rua João Lordão, nº 125, no Bairro do Nordeste II, município de Guarabira – PB.

Atualmente a escola faz parte do ProEMI – Programa Ensino Médio Inovador, o programa modificou a rotina da escola que a partir de então só abre matrículas para o turno da manhã, o período da tarde fica reservado para atividades complementares. A Instituição não disponibiliza mais o Ensino Fundamental, apenas uma série de 9º ano, que concluirá ainda esse ano. Apesar de muito se falar em escola com funcionamento integral, o programa não levou em consideração as necessidades e o cotidiano daquela instituição, dificultando muito o trabalho dos professores, os mesmos enfrentam muitos obstáculos para que o projeto atue na escola e se encaixe com a realidade dos alunos. A escola já foi considerada a maior do município, devido a grande quantidade de alunos matriculados, os

números já chegaram a mais de 2.000, e nos dias atuais tem perdido muitos alunos por conta das reformas sofridas.

Todas as aulas do estágio ocorreram no período da manhã, tive a liberdade para escolher as turmas e os dias que melhor me favoreciam, optei por três turmas diferentes, todas do ensino médio. O estágio seria concluído em apenas uma semana, e durante três dias eu realizaria as aulas que totalizariam em 10 ao todo (o número de aulas exigido pela grade é de 12 aulas, mas devido a minha participação no PIBID, onde eu já participava de atividades docentes, também na referida escola). O estágio ficaria marcado para os dias 26, 28 e 29 de Agosto de 2013, porém devido a alguns eventos que seriam realizados os dias tiveram que mudar, e eu não realizei o estágio nas datas previstas. O referido estágio teve seu início no dia 02 de Agosto e foi concluído no dia 16 do mesmo mês.

Segue abaixo no quadro os horários e as aulas de cada turma:

Horário	Segunda	Quarta	Quinta
1ª aula (50 min)	1º “B”	-	2º “A”
2ª aula (50 min)	-	3º “A”	2º “A”
3ª aula (50 min)	2º “A”	-	-
4ª aula (50 min)	3º “A”	1º “B”	3º “A”
5ª aula (50 min)	3º “A”	1º “B”	3º “A”

Preparação para as aulas: momentos de insegurança e reflexão

Na medida em que as aulas do estágio iam se aproximando, comecei a ser tomada por um medo inexplicável, apesar de já ter realizado estágio no ano anterior no cumprimento do componente Estágio Supervisionado I e de também participar de todo o processo docente como participante do PIBID na mesma escola na qual eu iria realizar o estágio, eu não me sentia pronta para as aulas que estariam por vir. Quando fiquei sabendo que o estágio ocorreria de forma individual senti um certo “frio na barriga”, mas depois encarei com normalidade, até porque eu já havia dado aulas e tinha familiarização com os

alunos e corpo docente daquela instituição. Foi quando de repente me senti incapaz de realizar uma boa aula, tive medo de decepcionar a mim mesma e aos alunos e professores, afinal passei oito anos da minha vida escolar entre as paredes daquela escola e conhecia a maior parte dos professores, e eles falavam com tom de orgulho que eu havia sido uma boa aluna, que agora voltara à escola para dar a minha contribuição.

Durante a participação no PIBID foram realizados momentos de muito aprendizado, em meio a oficinas pedagógicas, peças teatrais, musicais, aulas divertidas e dinâmicas eu estava lá, tudo o que realizamos foi de forma bem sucedida, com a contribuição dos alunos e da direção da escola tudo dava certo. E por que o medo agora? Porque eu me via sozinha, no PIBID éramos um grupo composto por cinco alunos bolsistas, e ainda tínhamos a professora Severina ao nosso lado na sala de aula, durante o estágio anterior tive uma companheira, Tânia que planejou tudo comigo e dividíamos a aula, além do professor regente que estava participando de tudo, ou seja, eu ainda não tinha tido a oportunidade dar uma aula sozinha. E naquele momento eu recebia a responsabilidade de enfrentar a sala sem ninguém ao meu lado.

Os alunos estavam ansiosos por conta das atividades realizadas com o PIBID, então eles esperavam aulas inovadoras cheias de aprendizados, sempre que eu encontrava com alguns nos corredores da escola eles diziam que estavam esperando as minhas aulas, e acrescentavam que não viam a hora de ter aulas mediadas por mim, aquilo só aumentava meu desespero e insegurança. Algumas semanas antes eles tiveram aulas com Tânia (minha companheira de curso), que também estagiara ali, nas mesmas turmas que eu, os alunos haviam gostado e ela também adorou a experiência, isso também aumentava minha frustração antecipada, pois eu sabia que eles esperavam o mesmo de mim, mas eu não sentia firmeza.

Recebi da professora Severina os assuntos a serem dados em cada uma das turmas, a forma de trabalhá-los ficariam por minha conta. Os temas estavam no livro didático, e davam continuação as aulas mediadas por Tânia durante o seu estágio.

Os temas a serem abordados nas aulas seriam:

- **1º Ano:** Roma Antiga: sua organização política-social e seus costumes
- **2º Ano:** O Nordeste sob domínio holandês / Os Bandeirantes
- **3º Ano:** A República dos cafeicultores

Eu ficava a cada instante procurando uma maneira de discutir os conteúdos de forma que agradasse aos alunos e que possibilitasse para mim mesma um momento de troca de saberes. Eu queria oferecer uma boa aula de História, mas não sabia ao certo como seria uma boa aula, pois para que haja uma boa aula não é preciso apenas que o professor tenha o domínio dos conteúdos, isso não é suficiente e mesmo que eu estudasse dias a fio os temas e tomasse grande conhecimento deles ainda assim era preciso algo mais. Eu não queria ir pra sala de aula apenas com o conteúdo em mente e repassar para os alunos, faltava algo. Foi então que eu fui tendo algumas ideias, eu teria que introduzir a realidade e o cotidiano dos alunos dentro de cada tema a ser abordado. Resolvi então, antes mesmo de elaborar os planos de cada aula, traçar um plano geral com os objetivos centrais das aulas que daria durante o estágio:

Objetivos Gerais:

- Uma análise crítica e interpretativa dos temas referidos ao passado, para que os discentes possam entender o cotidiano atual da sociedade e o que nela acontece. Assim trabalharmos as questões contidas no livro didático, não apenas como uma maneira de saber o que aconteceu há anos atrás, mas em busca de conhecimento do passado para a interpretação do presente.

Objetivos Específicos:

- Apresentar aos discentes o conhecimento histórico acerca do passado;
- Proporcionar aos alunos a possibilidade de assimilação entre o registros do passado e o nosso dia a dia;
- Estimular o senso crítico do aluno para ampliar a relação sociocultural, do mesmo, no contexto histórico e em sua vivência na sociedade.

Eu precisava fazer algo que chamasse a atenção do aluno, para que as aulas fossem participativas, uma construção coletiva e não apenas feita pelo docente. Por isso, após analisar os conteúdos do livro didático procurei selecionar temas atuais e interligá-los aos conteúdos do livro⁴.

⁴ O próprio livro didático utilizado pelas turmas continha em cada capítulo alguns boxes com recortes de temas atuais referente aos temas históricos ali abordados, além de algumas questões reflexivas no final dos capítulos. Com isso seria ainda mais possível planejar a aula com mais facilidade.

As aulas

No dia 02 de agosto cheguei cedo a escola, por volta das 6:45 eu já estava por lá a espera dos alunos, as aulas devem começar as 7:00, mas as turmas só estão completas após as 7:10/ 7:15 da manhã. Ainda com medo e nervosismo, mas sempre tentando ficar calma, sentei um pouco perto da secretaria da escola e uma das professoras convidou-me para ficar na sala dos professores, mas eu não fui preferi ficar por ali até a hora da professora Severina chegar, para não ir sozinha até a sala de aula. De repente o celular toca, era a professora Severina, ela teve uns problemas e precisava resolve-los ainda naquela manhã e por isso não ia pra aula, mas me deu total liberdade para pegar as cadernetas, fazer as chamadas e registrar as aulas, disse ainda que eu faria muito bem o meu trabalho sozinha. Na hora me deu vontade de correr para casa, mas respirei fundo e sai em direção à sala de aula, chegando à turma do 1º ano “A”, onde seria a primeira aula, alguns alunos me receberam e já sabiam que daria aula naquela turma por uns dias, ainda cedo a turma contava com poucos alunos e aos poucos alunos, o restante chegara depois.

Entrei, me apresentei, pois o PIBID não trabalhava com aquela turma. Meio sem jeito comecei a aula perguntando o que eles haviam estudado na aula passada, alguns responderam e eu mais uma vez voltei a perguntar, dessa vez perguntei se eles sabiam qual seria o assunto que dava sequencia ao estudado na aula anterior de acordo com livro, e ele responderam que não sabiam, não achei estranho já que a maior parte dos alunos não costumam ler os livros didáticos. Conversei um pouco com eles, para que nós pudéssemos ficar mais a vontade e nos conhecermos melhor, e assim fui respirando mais aliviada. A turma era famosa por não prestar atenção em nada, e era considerada com uma turma ruim, mas não era desse jeito, eles conversavam muito, mas não davam trabalho, era só pedir um pouco de atenção e eles imediatamente voltavam a participar da aula.

Já que o assunto era “Roma Antiga” e eu não queria ficar repetindo o que havia escrito no livro, escrevi no quadro as palavras *sociedade*, *organização* e *política*, e pedi para que eles fossem falando o que entendiam por cada uma delas, aos poucos começaram a falar e maioria expressou sua opinião, então pedi que eles falassem um

pouco sobre a “*organização política e social do Brasil*”, a turma não mostrou timidez e demonstraram os seus conhecimentos. Então apresentei o tema da aula que era “*Roma Antiga: sua organização política-social e seus costumes*”, eu ia exibindo alguns slides e íamos discutindo o assunto, às vezes era preciso interromper as falas para pedir a alguns que colaborasse sem conversar tanto e logo, logo tudo se resolvia. A turma participou da aula ativamente, dando exemplos, questionando e sempre trazíamos o conteúdo histórico ao encontro dos nossos dias atuais. Quando eu menos esperava o tempo de aula acabou, me despedi deles, agradei pela colaboração e fui para a sala dos professores esperar o momento da próxima aula.

No terceiro horário me dirigi para a sala do 2º ano “A”, cujo o tema seria “*O Nordeste sob domínio holandês*”, eu já conhecia a turma que por sinal estava sempre muito animada, eu ainda senti um temor, porque essa turma estava sempre surpreendendo com suas opiniões e questionamentos. Discutimos vários pontos dentro do tema, mas sempre há algo que chama mais atenção, discutimos sobre a população judaica no Brasil durante o período da colonização, principalmente na época do domínio holandês, expus para eles que isso se deu porque os holandeses eram menos intolerantes que os portugueses e deixavam os judeus livres para praticar sua religião, já que a população judaica já vinha fugindo da perseguição religiosa, a partir daí o ponto chave da aula foi a intolerância religiosa e a imposição do cristianismo pelos colonizadores. A aula ia ficando cada vez mais participativa, todos questionavam e davam opiniões, traziam também para o preconceito religioso nos dias atuais, principalmente no que diz respeito as religiões de origem africana. Ao final da aula pedi uma síntese voltada para o conteúdo, eles teriam que me entregar na aula seguinte.

As duas últimas aulas foram no 3º “A”, no início a aula foi meio tumultuada, alguns saíram para tratar de assuntos referente a formatura e aula da saudade, eu comecei a aula tendo como tema “*A República dos cafeicultores*”, o assunto era extenso e não daríamos conta em duas aulas, a turma não demonstrava muito interesse e alguns até mencionaram que eu poderia liberar a turma mais cedo, pois a professora titular não estava e ninguém ia saber, então eu tive que conversar seriamente com eles, deixei claro que eu não iria liberar ninguém, que ia continuar fazendo o meu trabalho e se por acaso algum quisesse ir embora a porta estava aberta e eu não ia impedir, mas registraria a falta. Tendo dito isso, me mantive calada e olhei fixamente para a turma, um silêncio tomou conta do ambiente por alguns segundos, e de repente alguns começaram a pedir

desculpas enquanto a minoria que estava atenta a aula pedia para que eu continuasse. Depois desse episódio, os alunos começaram a trazer as cadeiras para perto de mim e eu continuei a aula, aos poucos eles foram interagindo e não ocorreu mais nenhum problema. Ficamos durante os dois horários, fizeram perguntas, discutiram bastante, e como o tema trazia pontos ligados ao Nordeste eles pediram para que na próxima aula eu falasse eu pouco sobre a Paraíba durante aquele mesmo período, ficou combinado de acordo com a vontade deles. Terminando a aula, um grupo de alunos veio até mim, e novamente pediram desculpas e falando que o tumulto não se repetiria. Apesar de tudo eu encarei com aquilo como algo comum em sala de aula, nos meus tempos de escola presenciei muitos momentos semelhantes aqueles.

Ao fim das aulas eu respirei aliviada com a sensação de que uma parte do dever já havia sido cumprida.

Na quarta-feira seguinte voltei a escola e dei continuidade as aulas, a professora Severina estava presente no colégio, mas preferiu não ficar nas minhas aulas. Ela disse que eu ficaria mais a vontade sem a presença dele e que seria melhor para que eu fosse me acostumando mais. Foram três aulas, uma no 3º “A” e duas no 1º “B”, tudo correu muito bem, eu estava me sentindo melhor e os alunos continuavam me ajudando com as suas participações durante a aula inteira.

No dia seguinte foram quatro aulas, duas no 2º “A” e duas no 3º “A”. As duas primeiras foram no 2º ano o assunto era os Bandeirantes, o primeiro momento discutimos o tema, levei slides, textos complementares e um pequeno vídeo, eles como sempre participaram ativamente. No segundo momento saímos do planejamento, mas o importante era que aula estava indo bem e juntos aprendíamos muito, um aluno em meio ao debate do tema fez algumas perguntas com relação a população negra no Brasil e os empregos ocupados por ela, falou também que a maioria das empregadas domesticas do país eram negras. De repente estávamos falando a respeito das domesticas no Brasil, suas condições de trabalho e os baixos salários. A aula não foi de acordo com o meu planejamento, mas acabou sendo bem mais proveitosa.

No 3º ano, encerramos o assunto das aulas anteriores, falamos sobre o voto de cabresto, os movimentos messiânicos, a religiosidade do povo nordestino e do coronelismo. Eles redigiram comentários referente as aulas anteriores, o mesmo

comentário seria usado pela professora Severina para complementar a nota de uma prova.

A professora Marisa não pôde ir assistir a nenhuma das minhas aulas, então eu conversei com a professora Severina para voltar na sala de aula e encerrar as minhas atividades. Voltei no dia 16 de Setembro para realizar as últimas aulas. Escolhi um tema para tratar com a turma do 2º, teria que ser algo que tivesse ligação com tudo o que já havíamos trabalhado, pois assim ficaria mais fácil, então pensei em trabalhar com a diversidade religiosa, um tema importante e que ainda não é muito levado para as salas de aula. Planejei uma aula que teve por tema “*A diversidade Religiosa: alvo de intolerância e preconceito*”, o assunto era extenso, mas daria para trabalhar, já que eram duas aulas seguidas. Nesse dia voltei a sentir insegurança, só em pensar que a minha aula ia ser assistida pela professora Marisa eu já tremia, mas tinha que enfrentar o medo mais uma vez, chegando à escola pedi que os alunos se dirigissem até a sala de multimídia, a sala já estava organizada, houve alguns probleminhas com um vídeo, mas resolvemos logo.

Dei início à aula perguntando aos alunos se eles achavam que o nosso país conhece e respeita a nossa diversidade, eles foram rápidos ao dizer que não. Perguntei se eles sabiam em média a quantidade de religiões existentes no Brasil, responderam que certamente havia muitas, mas que pouco se falavam delas. Após muita conversa, exibí uns vídeos e pedi para que eles prestassem bastante atenção, o primeiro trazia uma explicação sobre as religiões de origem africana aqui no Brasil, o vídeo seguinte falava do Judaísmo e por último um vídeo que abordava o Budismo. Eles disseram que nunca tinham ouvido nem visto esclarecimentos sobre aquelas religiões e também que ente elas a que mais sofre com o preconceito são as religiões de origem africanas.

Dividi a turma em dois grupos onde cada um representaria uma ideia a respeito da fé, eles teriam que debater com argumentos fortes o seu pensamento, mas mantendo sempre o respeito. Um grupo representaria os ateus e outro grupo teria que representar e defender o cristianismo, eles se superaram, conseguiram usar vários argumentos e no fim da atividade todos haviam se divertido e aprendido que podemos conviver juntos mesmo quando possuímos ideias diferentes. De vez em quando eu olhava pelo vidro da porta e nada da professora Marisa aparecer, eu fui dando continuação a aula.

Depois trabalhamos com Constituição Brasileira e o direito de religião no Brasil assegurado por ela. Um aluno pediu para que explicasse melhor o sincretismo religioso, então voltamos lá pra época da colonização e fizemos um passeio rápido pela história do país. Eles também levantaram questões voltadas para os conflitos religiosos que ocorrem no mundo. Falamos a respeito do Estado laico, e foi quando um aluno deixou claro que era contra o estado usar símbolos católicos nos prédios públicos, alegando que sendo o estado laico sem religião oficial não era certo representar apenas uma entre tantas outras. Era o momento certo para que nós pudéssemos assistir mais um vídeo que tem como título “*Identidade do Brasil*”, que fala sobre a diversidade cultural, então discorremos sobre a tentativa de formar uma identidade homogenia para o país.

Mais uma vez usei a música “*Farinha do mesmo saco*”, a mesma usada na oficina na Escola Olívio Maroja, distribuí a letra, e alguns alunos sabiam cantar, cantamos por duas vezes. E para encerrar a aula, exibi um documentário produzido pela ONU, o título deste documentário é “*Diversidade Religiosa e Direitos Humanos no Brasil*”, no momento em que o documentário era exibido a professora Marisa chegou e entrou na sala, tendo terminado o vídeo não deu mais para discuti-lo com os alunos devido o fim do tempo de aula e eles teriam aula de outra disciplina, pedi para que Marisa fizesse as considerações finais, eles ficaram encarregados de escrever um texto dissertando sobre o que foi discutido durante a aula e entregar a professora Severina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela participação efetuada na sala de aula, pode-se concluir que as experiências registradas neste trabalho, colaboram para a aquisição de conhecimentos práticos necessários a uma boa formação profissional. Apesar do Estágio Supervisionado, fazer parte dos componentes curriculares e possuir caráter obrigatório para o cumprimento de uma demanda, particularmente falando, essa etapa do curso foi mais que um dever a ser cumprido. Serviu também para aumentar ainda mais a certeza que tenho com relação a minha formação profissional. A docência é algo de extremo valor, mesmo que muitas vezes esse valor não seja reconhecido, tem seus altos e baixos, mas sempre existirão dificuldades, independentemente do caminho escolhido.

Cada momento vivido na sala de aula vai ajudando a construir a profissional que eu desejo ser. A oficina na zona rural me fez ver uma realidade diferente da minha, me fazendo ter ainda mais certeza de que ainda existe muito trabalho a ser feito, há muita gente precisando de um pouco mais de atenção, muitos detalhes precisam ser analisados com a partir de um olhar mais amplo e observador.

Muitas histórias assim como a minha, descrita neste trabalho merecem ser contada, e desejo contribuir para isso, para que outras pessoas tenham o direito de conhecer e contar histórias. E assim eu vou dando continuidade a caminhada que descobri sem querer quando eu ainda não sabia por onde queria andar, e foi nesse momento de indecisão que a docência juntamente com história me escolheu para trilhar seus caminhos. Todos os momentos na sala de aula me fizeram aprender mais do que ensinar, fui para o estágio tomada por insegurança e pelo medo de errar, o que eu pretendia era levar ensinamentos e proporcionar para aqueles alunos aulas cheias de conhecimento, contudo eu posso dizer que eu foi quem mais aprendeu. Trouxe uma bagagem bem maior do que aquela que levei para a sala de aula. Hoje me sinto ainda mais feliz, me sinto professora!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe M. **“Ensino de História: Fundamentos e Métodos”**. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **“Educação como prática da liberdade”**. 34 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

CAIMI, Flávia Eloisa. **“Por que os alunos não aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História”**. Disponível em <http://www.scielo.br>

FREIRE, Paulo. **“Carta de Paulo Freire aos Professores”**. Estudos Avançados, São Paulo: v. 15, n. 42, p.259-268, maio/ago.,2001.

MONTEIRO, Ana Maria. **“Professores de História: entre saberes e práticas”**. Rio de Janeiro: MAUADE X, 2007.

FREIRE, Paulo. **“Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa”**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento/2ª Parte **“O Planejamento como Méthodos da Práxis Pedagógica”**. Re-significando a Prática do Planejamento.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus. **“Um Olhar do Currículo no Contexto do Pós-modernismo”**. In: Olhar de professor. Ponta Grossa: 5(1): 2002, p. 173-183.

Parâmetros Curriculares Nacionais e Autonomia da Escola. José Mário Pires Azanha. (Conselho Estadual de Educação de São Paulo, Faculdade de Educação da USP).

Disponível em: <http://hottopos.com/harvard3/zemar.htm>

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Leandro (org). **“História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas”**. São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXOS



ROTEIRO DA OFICINA PEDAGÓGICA

Tema: Nordeste, sinônimo de diversidade cultural

Mediadores: Renata dos Santos Cavalcanti
Tânia Cristina Ferreira de Macêdo
Roseane Lima da Silva
Arderis Trajano
Arkilson Lima

Tempo de Duração: 2 Horas

Público Alvo: Turmas 8º e 9º do Ensino Fundamental

Apresentação: A oficina foi pensada com o intuito de apresentar aos alunos as percepções de povos de outras regiões acerca do Nordeste, qual a visão da classe discente em relação ao nossa região, estado e também a maneira com que a mesma compreende o outro através das diferenças culturais e étnicas. Perpassando ainda os pré-conceitos e preconceitos existentes nesse âmbito e como o próprio nordestino se vê diante de tantos conceitos produtores de inferioridades.

Objetivo Geral:

- Trabalhar voltados para a busca de um entendimento que proporcione alguns porquês a cerca do Nordeste como alvo de tantos preconceitos, levando em consideração o espaço sociocultural, as questões étnicos-raciais e as figuras de linguagem. Explanando os motivos pelos quais o Nordeste é visto como inferior por povos de outras regiões, principalmente as regiões Sul e Sudeste.

Objetivos Específicos:

- Levar o aluno a compreender o Nordeste enquanto região rica, enfatizando a sua cultura, a culinária, os pontos turísticos, os grandes nomes, a linguagem, a sua importância no decorrer de todo o processo histórico brasileiro, entre outros.
- Chamar a atenção do aluno para a mídia e suas influências, para que os mesmos percebam até que ponto ela favorece ou desfavorece na construção do Nordeste enquanto imagem, analisando também a influência provocada pela mesma nas pessoas.
- Notar o Nordeste enquanto construção e quebrar paradigmas de conceituações do próprio Nordeste, despertando o senso crítico e atentando para essa construção histórica. Por meio destes, será permitido ao corpo discente perceber o outro como um indivíduo fruto de construções imagéticas merecedor de respeito e igualdade, independentemente da sua cultura, credo religioso, classe social e etnia.

Organização das Atividades:

A oficina pedagógica tem a duração de duas horas. Para garantir a melhor utilização do tempo, prevê-se que essas atividades se desenvolvam conforme apresentadas no quadro abaixo.

Ordem	Atividade	Tempo
01	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos participantes e mediadores: Dinâmica; • Apresentação da oficina: Objetivos. 	10 min
02	<ul style="list-style-type: none"> • Problemática: Jogo de perguntas e respostas. 	10 min
03	<ul style="list-style-type: none"> • Exibição dos slides, sendo dividido em dois momentos. 	20 min
04	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão a cerca do que já foi explanado. 	20 min
05	<ul style="list-style-type: none"> • Músicas; • Discussão da letra de cada música. 	20 min
06	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração da atividade. 	30 min
07	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão. 	10 min

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. In: **Introdução**. São Paulo: Cortez, 1999, 19-37.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. In: **Geografia em Ruínas**. São Paulo: Cortez, 1999, 39-64.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 95.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

REGO, José Lins, **Menino de engenho**, 38.ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

REGO, José Lins, **Usina**, 10.ed., José Olympio, São Paulo, 1936.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Renata Arruda. “*Porta do Sol*”: CD **Um do Outro**. BMG. 1999 (Faixa 1).

Carlos Maltz. “*Farinha do Mesmo Saco*”: CD *Farinha do mesmo Saco*. 2002 (Faixa 3).

OFICINA PEDAGÓGICA NA EMEFM OLÍVIO MAROJA – ARAÇAGI PB

FOTO 1: Apresentação dos participantes e mediadores (Dinâmica).
Fonte: Arquivo Pessoal



FOTO 2: Exibição e discussão dos temas abordados.
Fonte: Arquivo Pessoal



FOTO 3: Oficina Pedagógica.
Fonte: Arquivo Pessoal



FOTO 4: Painel com trabalhos feitos pelos alunos.
Fonte: Arquivo Pessoal



FOTO 5: Mediadores da Oficina Pedagógica.
Fonte: Arquivo Pessoal